

# Igreja em diálogo Church in dialogue

Dirce Gomes da Silva<sup>1</sup>

WOLFF, Elias. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018.

O livro de Elias Wolff apresenta a proposta eclesiológica do pontificado do papa Francisco, caracterizada como “Igreja em diálogo” na dinâmica da “Igreja em saída”, de uma “cultura do encontro” e da “conversão pastoral”. Essa proposta é permeada pelo exercício do diálogo e da sinodalidade, no horizonte do Concílio Vaticano II. O papa Francisco situa a Igreja na realidade plural do mundo em que vivemos e colhe suas interpelações para a missão. O diálogo é aberto e respeitoso às diversidades sociais, religiosas e culturais dos povos. Nesse contexto, o *modus essendi* e *operandi* da Igreja precisa ser dialogal. Para isso, o papa Francisco apela para a superação de toda autorreferencialidade, dando exemplo na descentralização de seu próprio pontificado, exercendo-o na dinâmica missionária e pastoral, promovendo relações, intercâmbios e aproximações *ad intra* e *ad extra ecclesia*.

O magistério do papa Francisco interpela, inquieta e provoca mudanças estruturais na Igreja. Por isso, instiga pesquisadores de diferentes áreas na busca do entendimento de seu ensino, que vai além de uma proposta eclesial e pastoral ao promover transformações sociais e o cuidado com a criação. Na verdade tal ensino não “vai além”. Elias Wolff mostra que a “Igreja em diálogo” assume as questões sociais e ecológicas no contexto de sua missão. Isso requer um redimensionamento eclesiológico para entender a Igreja em saída missionária. A obra comporta significativa riqueza teológica e ecumênica que convoca o leitor a entrar nessa fonte dialogal. O intuito do autor é ampliar a Igreja do diálogo como a expressão mais fiel do Evangelho para o mundo atual.

Tendo como fonte primeira os documentos, discursos e homilias do papa Francisco, o livro se divide em seis capítulos. No primeiro capítulo, apresenta a proposta dialogal do magistério de Francisco fundamentada em quatro elementos. Primeiro: o diálogo como constitutivo, performativo e constitutivo da natureza e do agir da Igreja, o que a impulsiona para uma relação de aprendizado nas interlocuções com as diferenças hodiernas, e sua consequente renovação estrutural e pastoral. A Santíssima Trindade é fonte e modelo de uma eclesiologia dialógica. O verbo encarnado na pessoa de Jesus de Nazaré é a comunicação de um Deus que dialoga e vem ao encontro da humanidade sofrida e desprotegida, independente de credo, cultura e gênero. Segundo: o lugar do diálogo é o mundo em que vivemos, suas “alegrias e

---

<sup>1</sup> Mestranda em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Bacharel em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR) e em Teologia pelo Centro Universitário Claretiano. Religiosa da Congregação das Irmãs de Cristo Pastor. Contato: [missoesdircegomes@gmail.com](mailto:missoesdircegomes@gmail.com).

esperanças, tristezas e angústias” (GS 1). Destas, destaca-se na Igreja em diálogo a sensibilidade para com os problemas sociais e ambientais. Elias Wolff vê na *Evangelii gaudium* a fonte inspiradora para mudanças nas relações *ad intra*; e na *Laudato si'* propostas *ad extra*, impulsionando a comunhão entre todas as criaturas, na construção de uma verdadeira *oikoumene*. Terceiro: o horizonte da Igreja em diálogo é o Vaticano II, que o papa Francisco retoma de forma convicta, impulsionando o *aggiornamento* eclesial. Imersa no mundo do diálogo, temos uma Igreja que mais aprende do que fala, capaz de superar os dogmatismos e juridicismos institucionais. A quarta raiz é o apelo relacional entre os diferentes sujeitos da missão. Todas as pessoas crentes são missionárias. Cada uma no seu modo, considerando a modalidade plural do mundo, propõe, mas não impõe o Evangelho. A missão deve ser vista como oferta e acolhida. A vocação e natureza missionária da Igreja convoca a todas as pessoas à superação de posturas autocentradas, antidialógicas e antiecumênicas. O autor encerra o capítulo demonstrando o diálogo numa concepção antropológica, social e mística, entrelaçando a fé, a razão e a espiritualidade. A Igreja em diálogo no magistério de Francisco caracteriza a todas e todos por uma proximidade solidária. Urge, portanto, desenvolver condutas de intercâmbios e cooperação, por um diálogo de compromissos comuns, pelo que a Igreja se reorganiza e se renova em seu pensar teológico-doutrinal, em suas estruturas e em seu agir pastoral.

No segundo capítulo, o autor trata das instâncias do diálogo no contexto *ad intra ecclesia*. *Ad intra*, foca nas instituições, como a Cúria Romana, a qual Francisco constantemente interpela à reformas como uma condição da fidelidade à missão. Reforma, mudança, movimento, está na dinâmica da fé cristã e do seguimento de Cristo de modo contextualizado. Para isso, as instituições eclesiais precisam exercitar o diálogo, mesmo entre elas. Aqui merecem atenção as conferências episcopais que, enquanto organismos de comunhão, devem ser vínculos motivacionais às igrejas locais, como sujeitos de evangelização. Assim, para Wolff, o pontificado de Francisco propõe a colegialidade, a sinodalidade e a subsidiariedade como eixos das reformas *ad intra* numa Igreja em diálogo. Concretamente, as mudanças institucionais ganham forma nas paróquias, remodelando-as nos estilos, horários, entre outros, com a valorização de todas as pessoas batizadas como sujeitos eclesiais.

No terceiro capítulo, a atenção de Wolff se centra nas questões sociais e culturais. A discussão gira em torno de uma Igreja *ad extra*, tema tão caro para o Vaticano II e ao papa Francisco. Aqui se mostra uma Igreja samaritana, compassiva, misericordiosa e companheira da humanidade. Os desafios destacados pelo autor são a afirmação de prioridades pela Igreja como um todo, como uma sólida opção pelos pobres, e a promoção do bem comum, da igualdade de gênero, da defesa da criação, da paz entre povos e culturas.

Com reconhecido conhecimento da teologia ecumênica e inter-religiosa, o autor mostra, no quarto capítulo, que na atual sociedade, marcada por intenso pluralismo eclesial e de religiões, o magistério do papa Francisco assume a proposta do diálogo de modo peculiar. Retomando o Vaticano II, Francisco reafirma o valor de sua perspectiva ecumênica com o

decreto *Unitatis redintegratio*, e do diálogo das religiões, sobretudo com as declarações *Nostra aetate* e *Dignitatis humanae*. Urge fortalecer relações de cooperação entre igrejas e religiões, como um impulso da ação do Espírito Santo. Nesse sentido, Wolff diz que o Vaticano II não foi ponto de chegada, mas ponto de partida. E com o papa Francisco, ela continua no caminho que constrói uma “cultura do encontro” com as outras igrejas e diferentes tradições religiosas.

Wolff se empenha em descrever quatro importantes resultados dos esforços ecumênicos até então realizados: o consenso da origem e fundamento da Igreja nos ensinamentos do Evangelho; que nenhuma tradição eclesial ou religiosa é detentora do poder salvífico, cuja plenitude está apenas em Deus; a consciência da eclesialidade das diferentes tradições eclesiais, com distintas formas de organizar na história a Igreja de Cristo; a Reforma como uma tarefa comum para todas as igrejas. E assim Wolff conclui: será necessário um novo concílio, de fato ecumênico, para avançar nesses consensos? Responde que não necessariamente, pois já são consensos. O fundamental é legitimar esses elementos nas estruturas das igrejas. O diálogo será o termômetro que, de modo gradativo e processual, possibilitará essa legitimidade. O fundamento é a consciência de que trata-se de uma coerência a Cristo que pede: “todos sejam um” (Jo 17,21). No âmbito inter-religioso, Wolff mostra a ênfase que o papa Francisco dá para uma Igreja companheira das diferentes religiões, com posturas inclusivas que incidem também no repensar teológico católico. Wolff explicita essa postura em elementos da exortação apostólica *Evangelli gaudium*: primeiro, a abertura do coração como uma porta para o diálogo da vida; segundo, o papel de mediação que a Igreja realiza entre povos e culturas; terceiro, a busca da defesa e promoção da vida humana e suas diversas formas, como o caminho mais propício para as religiões assumirem juntas compromissos pela paz e a justiça; quarto, uma clara relação entre diálogo e fé identitária – a atitude dialógica não supõe abandono das convicções e da identidade, mas possibilita reconhecer a identidade do outro; quinto, a compreensão de como se encontram os membros das religiões em relação à graça de Deus. Wolff afirma que o papa Francisco entende que todo ser humano é vocacionado a alcançar a justiça divina e é associado ao mistério pascal (EG 254).

Por conseguinte, não “apesar”, mas “pelas” diferenças, é possível intercâmbio e enriquecimento mútuo, levando em conta que o diálogo envolve partilha de vida. Aqui o autor destaca o que os bispos católicos da Índia, que na *Commission for Dialogue and Ecumenism*, afirmaram: o diálogo é a maior profundidade de partilha e contemplação, um dever com toda a humanidade; o testemunho da própria crença e o aprendizado com a outra religião amplia os horizontes da fé em vista do bem comum da humanidade.

No sexto capítulo, por fim, o autor apresenta elementos para uma eclesiologia dialógica, no caminho da renovação eclesial proposto pelo pontificado de Francisco. O diálogo impulsiona toda a dinâmica da “Igreja em saída missionária”, uma Igreja que vai ao encontro do seu interlocutor e nesse encontro se redimensiona teórica e estruturalmente. Assim, diante da crise de identidade eclesial, dos valores cristãos que se diluem, da frágil convicção de fé, uma

renovação eclesial necessariamente implicará interação entre diferentes sujeitos. Essa interação forma uma comunhão plural, a exemplo da Trindade. A visibilidade dessa comunhão se dá através dos diferentes carismas, ministérios e serviços, expressão de uma eclesialidade que se forma como comunidade de comunidades. São elementos convergentes de uma eclesiologia dialogante em vista da *koinonia*.

Para isso, contribui a compreensão da “unidade na diversidade”, presente no ensino do papa Francisco, à luz do Vaticano II. Aqui Wolff destaca que o Espírito Santo é quem faz a diversidade e a integra na comunhão: o Espírito Santo é a harmonia. Essa diversidade harmônica, o papa Francisco exemplifica na figura do “poliedro”, cujas partes estão unidas na diversidade. Assim, o modelo eclesial da Igreja em diálogo é a comunhão como unidade das diferenças, cujo exemplo está no mistério único do Deus em três pessoas. O verdadeiro diálogo se concretiza em uma Igreja da acolhida mútua das diferenças, vivendo a comum alegria do Evangelho do Reino. Wolff destaca que essa eclesialidade é realizada pela Igreja da misericórdia, Igreja missionária, Igreja dos pobres, na promoção da vida do planeta e de toda *oikoumene*, a nossa casa comum.

A obra merece ser lida para a compreensão de como uma Igreja em diálogo é uma verdadeira práxis do Evangelho, numa eclesialidade aberta para a dinâmica do Espírito, vivendo o Evangelho nas possibilidades oferecidas por processos interculturais, inter-religiosos e intereclesiais. Contudo, é possível inferir que o conteúdo da obra poderia apresentar mais apontamentos concretos para a vivência de uma renovada postura eclesial, colhendo orientações de Francisco em outras fontes além das presentes na obra. Mas trata-se de um processo em construção que, naturalmente, não se esgota nessa análise. A obra é inovadora e provocante. Traz preciosas contribuições para os tempos atuais, profundamente marcado pela multiculturalidade, pluralismo eclesial e diversidade religiosa, as quais desafiam o processo evangelizador de uma Igreja em estado permanente de missão. A obra de Elias Wolff aponta metas, tanto no âmbito eclesial, social e evangelizador, nas quais o depósito da fé se confronta com o depósito da vida. O tema em questão provoca o leitor a sair de uma Igreja fechada e autocentrada para uma Igreja em saída, numa ação pastoral onde o pastor não teme ter o cheiro das ovelhas.

A leitura dessa obra fortalece a consciência missionária em perspectiva ecumênica, com fundamentos bíblicos e teológicos da fé cristã e eclesial vivida em contexto plural. Nesse contexto, a Igreja em diálogo é servidora do Reino de Deus. ✨

## REFERÊNCIA

WOLFF, Elias. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018.

Recebido em: 31/10/2020.

Aceito em: 12/12/2020.